

ARTES PLÁSTICAS

Arte entre construção e matéria

LIGIA CANONGIA

Quinze artistas inauguram hoje, para o público, na Galeria Ipanema, uma coletiva que pode ser, no mínimo, curiosa. Apesar da situação problemática de uma galeria relativamente pequena abrigar 15 obras de distintos artistas e múltiplas linguagens, fica a possibilidade de se ter acesso, uma vez mais, ao trabalho de bons artistas, que vêm se sedimentando nos últimos anos.

Angelo Venosa, Claudio Kuperman, Luiz Pizarro, Daniel Senise, Maurício Bentes, John Nicholson, Gonçalo Ivo, Paulo Roberto Leal, Gerardo Vila Seca, Emanuel Araújo, Cosme Martins, Ricardo Bock, Ronaldo do Rego Macedo, José Claudio e Suzana Queiroga compõem o painel completo desta coletiva.

Na verdade, trata-se de uma iniciativa da Abolição Veículos, que acaba de lançar o Prêmio Abolição de Artes Plásticas para comemorar os 20 anos de suas atividades, justo no momento em que o país festeja os 100 anos da abolição da escravatura. Embora o tema não tenha orientado a escolha dos trabalhos, foi o clima das comemorações que levou à instituição do prêmio.

Um grupo de convidados especiais deverá votar, com recolhimento em urnas e apuração pública, o que não deixa de ser um tanto irônico no momento atual, os nomes privilegiados que ganharão viagens a Paris, Nova York e Salvador.

Selecionados pelo crítico Wilson Coutinho, especialmente convidado para compor o corpo da exposição, esses artistas podem ser agrupados, grosso modo, em dois eixos centrais: aqueles que têm trabalhado o que o crítico chama de "a trama da tinta" e outros que se reúnem em torno da "nova construção". De fato, existe uma preocupação em investir no cor como elemento de densidade matéri-



Trabalho de Luiz Pizarro, em acrílico, óleo e plástico sobre duratex, no qual explora a cor expressionista



Obra de Suzana Queiroga, de 1988, em tempera vinílica sobre tela, que questiona a tradição geométrica

ca e com certo veio expressionista, nos casos de Senise, Pizarro, Kuperman e os trabalhos mais recentes de Nicholson, assim como os apelos construtivos e o questionamento da tradição geométrica são evidentes nas obras de Vila Seca, Gonçalo Ivo, Queiroga, Paulo Leal e Ronaldo Macedo. Estes dois últimos, inclusive, unidos à Emanuel Araújo, já plenamente seguros de um trabalho que gira em torno da questão do plano, dentro de articulações imediatamente vinculadas ao nosso passado neoclassicista. Fora os eixos menciona-

dos, há nomes como os de José Claudio e Ricardo Bock que destoam do conjunto e que só podem ser avaliados isoladamente, um, dentro dos parâmetros da revisão modernista e sua componente da brasilidade e, outro, supostamente vinculado às tendências surrealistas, cujo trabalho ainda se amarra à ilustração.

Na escultura, firmam-se novamente os nomes de Angelo Venosa e Maurício Bentes, os quais, ao lado de Nuno Ramos e José Carlos Machado, talvez representem o que de melhor surgiu nos suportes escultóricos nos

últimos anos. De certa forma, Bentes e Venosa têm produções interessantes de serem vistas lado a lado, já que introduzem questões que são quase a contrapartida uma da outra. Bentes afina-se com construções de resquícios minimalistas, insistindo numa espécie de presença ideal do objeto, que ainda investe positivamente na objetividade do mundo da técnica e da indústria. Venosa, ao contrário, trabalha exatamente com os detritos da tecnologia, duvidando da eficiência do mundo das formas e do design, tal como vigorava nos

postulados do construtivismo. O estranhamento de sua escultura reflete essa inquietação do pensamento que não se dá mais sobre um referencial idealista.

Mas, a preocupação de Wilson Coutinho não se restringiu a levantar os dois grandes pólos de interesse onde, ainda hoje, se inserem os trabalhos mais jovens. Teve o crítico também a intenção de fazer sobressair a obra de alguns artistas de qualidade, para ele, excelente, e que não têm sido acolhidos junto às curadorias cariocas como deveriam. "Há nomes pouco badalados pelos curadores e que são muito bons como os de John Nicholson e Ronaldo do Rego Macedo. Os artistas ficam à mercê dos curadores de tal forma, que parecem não existir mais as obras e, sim, apenas, curadorias", afirma Wilson.

Independentemente dos critérios utilizados para o levantamento desses 15 nomes e, menos ainda, daqueles que serão empregados para a premiação final, o público carioca terá a oportunidade de ver reunido ali basicamente a nata dos que surgiram no início da década, na chamada "Geração 80" e avaliar, na medida do possível, os caminhos que tomou cada um desses trabalhos.

De resto, deve-se parabenizar a iniciativa privada que começa a investir nas artes plásticas, esperando apenas que avalie melhor os espaços onde promover as exposições. Sem desmerecer o empreendimento de Galeria Ipanema, não resta dúvida que áreas mais extensas disponíveis na cidade poderiam dar uma amplitude maior ao próprio prêmio, assim como favorecer uma amostragem mais pródiga da produção dos artistas.

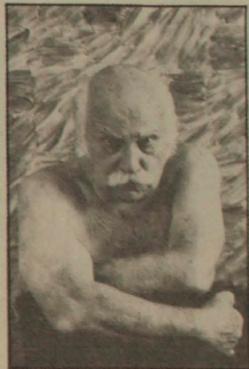
Fiaminghi antecipa a primavera

Até o dia 29, a Montesanti Galleria (Estrada da Gávea 899, loja 212-B) expõe doze telas do pintor paulista Hermelindo Fiaminghi. Os quadros são recentes e mostram a evolução de seu trabalho, que já foi fortemente marcado pelo Concretismo. Afinal, foi ele o maior expoente desta escola nos anos 50.

Seu rompimento com o Concretismo — achava-o dogmático demais — revelou-nos seu lado de homem sensível, amante do prazer e da beleza. Com isto sua pintura fica mais solta, o que consegue através de seu diálogo com a cor e da interação com a luz em contato com a natureza. A liberdade fora do muro concreto representa o início de um novo caminho, que ele soube trilhar com segurança e, principalmente, beleza.

Nas telas expostas na Montesanti ainda é possível se vislumbrar o geométrico, mas o que realmente fica é o efeito mágico das pinceladas vigorosas e de um cuidado na seleção cromática. Seus quadros transbordam uma alegria que faz falta nos dias de hoje.

O paulistano Hermelindo Fiaminghi, de 88 anos, parece ter encontrado com a idade a felicidade contida nas cores. Para isto colaborou sua convivência com o mestre Volpi. A sua chegada ao Rio representa um sopro de cores neste cinzento outono. É a possibilidade de sonhar com a primavera.



O pintor Fiaminghi expõe suas cores na Montesanti Galleria

Rita Lee

Faltou ser mais Rita. Mas valeu

ROBERTO ETHEL

SÃO PAULO — Faltou Rita Lee ser mais Rita Lee. Preocupada em fazer um espetáculo para agradar quem for vê-la no Festival de Jazz de Montreux, no dia 2 de julho, ela mostrou no show-ensaio geral que fez na madrugada de ontem, no Aeromata uma miscelânea musical muito grande, passando da balada-rock "Ovelha negra" até as carnavalescas "Chiquita Bacana" e "História do Brasil", numa falta de unidade que pode até agradar europeus.

Os setecentos ingressos para o primeiro ensaio (o outro será na madrugada de hoje) foram vendidos antes de meia-noite, horário marcado para o início. Somando os convidados, foi uma verdadeira multidão. Em clima de ensaio geral mesmo, ela entra de jeans, tênis branco, moletom e um casaco, exatamente no horário marcado. Anunciando o show em inglês, começa com "Six mambá", do último LP, contendo-se ao tocar flauta e cantando com prazer. Uma boa banda com Roberto de Carvalho na guitarra, Yann (ex-Metrô) nos teclados, Lee Marcucci ao baixo, Gel Fernandes na bateria, Papete na percussão e os ir-



Rita riu, fez piada, tocou e cantou no ensaio para Montreux

mãos Maurício e Mauro Gasperini nos baching, foi desafiando alguns dos principais sucesso da fase mais pop.

A segunda música dá um agito maior, "Mania de Você", num arranjo mais eletrificado que a gravada. Vem em seguida "Atlântida", "Virus do amor" e logo o grande momento, curiosa e ironicamente sucesso do final da fase mais roqueira de Rita, "Ovelha negra". Dedicada em inglês "à melhor cantora que o Brasil já teve", a balada foi cantada em coro, com a adição de um verso ao final, "não via mais voltar mesmo", dando um clima de muita emoção, que também esperasse que ocorra na Suíça.

Descontraída, contando piadas, usando castanholas e dançando como espanhola em "Virus do amor", ensaiando um strip-tease ao tirar o casaco primeiro e depois o moletom, ficando só de camiseta cavada, sempre com a cara de moleca que a ca-

racterizou desde os tempos dos Mutantes, ela explica que era um ensaio geral mesmo, agradecendo aos que foram ver. Procura, chamando em voz alta, a cantora Virgínia, também ex-Metrô, e fica frustrada por não vê-la. Com os aplausos e pedidos, brinca que "não vale, isso é ensaio mesmo". Esquece a ordem das músicas, até se reencontrar em "Bai lá comigo", que virou uma festa.

Ironiza o Presidente Sarney, falando, voz grossa, o tradicional início dos discursos presidenciais — "Brasileiras e brasileiros" —. Início de gripe, usa lenço de papel, brigando com a péssima equalização do som, que virou, um muitos momentos, uma massa disforme. Mas era ensaio mesmo. Os equívocos dos 70 minutos que durou o espetáculo ficam por conta da hora em que Rita Lee decide homenagear compositores e resgatar preciosidades da MPB. Mas Rita Lee vale a pena, mesmo assim.

Sade: a volta tropical da rainha da new-bossa

DEBORAH DUMAR

Consagrada como a rainha da new-bossa, elegante, cool e com um tipo de beleza distinto dos padrões convencionais, Helen Folasade Adu, 28 anos, reaparece com um ar tropical em seu novo disco, o refinado "Stronger than pride". Com sua voz cálida e aveludada, ela conquistou o título de artista do sexo feminino que mais discos vendeu na Inglaterra em sua estreia. "Diamond life" (1985) atingiu rapidamente a marca de dez milhões de cópias e Sade operou os sucessos "Smooth operator" e "Hang on to your love". O segundo álbum, "Promise" (1986), confirmou seu prestígio junto à crítica e ao público, com outras dez milhões de cópias vendidas em todo o mundo, o que a equipara aos superstars Tina Turner e Phil Collins. A glamurosa nigeriana, que andou sumida do showbiz para recuperar forças, volta ao mercado em grande estilo.

As novas canções surgiram de seu período de descanso, na mansão no Centro de Madrid (embora ela mantenha residência em Londres) e daí o sabor espanhol deste trabalho. Como ela não conseguisse ali o sonhado isolamento, partiu com seus músicos — o parceiro Stuart Matthewman (sax e guitarra), Andrew Hale (teclados) e Paul S. Dennis (baixista) — para um estúdio em Nassau, onde iniciou as gravações deste disco, depois transferidas para o sul da França e finalizadas em Paris.

O primeiro reflexo das mudanças de sua música está na fotografia da capa, onde Sade apresenta uma imagem bem diferente: na foto colorida se destacam a pele morena, o cabelo negro amarrado em um rabo-de-cavalo, a boca carnuda com batom vermelho, blusa vermelha e ombros de fora, levemente iluminados pe-



Nova imagem: boca vermelha e pele bronzeada pelo sol tropical

lo sol da praia ao fundo. Escorrendo doce como mel, mas sem dar enjões, a faixa-título transborda em romantismo: "Eu ainda amo você, de verdade! O amor é mais forte que o orgulho", canta macio Sade, com o ritmo bem marcado pela percussão.

O soul "Paradise", tem aparecido com frequência nas programações de rádio e a letra fala de bobaginhas próprias de enamorados, no embalo da melodia gostosa de se ouvir e dançar, bem soft. Outro soul, "Nothing can come between us", garante a eternidade e a força do amor da moça a seu companheiro, que evolui para a balada "Haunt me", um primor de melodia, de arranjo de cordas, de interpretação, com destaque ainda para o solo de violino de Gavin Wright. Tudo na justa medida, sem excessos e firulas.

A forte influência que recebeu de

Marvin Gaye está explícita em "Keep looking", no arranjo do duo vocal que faz com Leroy Osbourne e na marcação rítmica da melodia. O LP traz ainda um funk "Turn my back on you", e a urbanóide "Clean heart" ("Parecia a noite mais quente do verão/ Um calor que fazia você se sentir agonizante/ Em algum lugar do próximo quarto há uma criança chorando/ Dado no gatilho pelos anos agora"). "Give it up" é uma composição bem latina do disco de dez faixas, em que há apenas um instrumental, "Siempre hay esperanza", marcada pelo sopro e o ritmo.

Além dos músicos que integram o grupo liderado pela ex-estilista e ex-modelo, participaram das gravações ainda o percussionista e baterista Martin Ditcham, o trompetista Jake McMillan, o trombonista Jake James e o guitarrista Gordon Hunt.



Bonfim toca o Brandenburgües

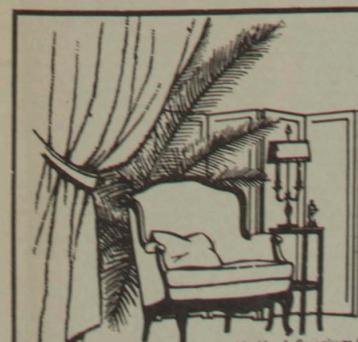
De Bach a Krieger

A Orquestra de Câmara da Cidade — sonho do Prefeito Saturnino Braga que o pianista Miguel Proença, atual Secretário da Cultura, transformou em realidade — toca hoje, às 21 horas, na Sala Cecília Meireles e com entrada franca. No cartaz há quatro solistas jovens mas de prestígio em todo o Brasil. São eles a pianista Sônia Goulart, intérprete do Concerto em Dó, de Mozart, a violinista Andréa Moniz, o flautista Marcelo Bomfim e o cravista Marcelo Fagerlande, que tocarão o Concerto de Brandeburgo nº 5, de Bach.

A Orquestra é formada por 16 arcos e não tem regente titular. Dire-

tor artístico é o próprio Secretário de Cultura, que convidou para dirigir o concerto de hoje o jovem Silvio Barbato, antigo aluno de Cláudio Santoro e de Romano Gandolfi, de quem chegou a ser assistente, em Milão. Diplomado pela Academia Chigiana, Barbato aceitou o convite de Fernando Bico, há dois anos, para desempenhar as funções de maestro assistente da Ópera do Teatro Municipal.

Completam o programa La Oración del Torero, de Turina; o Divertimento, de Edino Krieger; e a Simple Symphony, de Benjamin Britten.



A Renascença

Uma tradição em móveis de estilo

Venha conhecer a maior variedade em móveis personalizados do mais fino acabamento.

Rua do Catete, 194-196
Esquina c/Correa Dutra

Móveis de Superior Quality • Fine Furniture • 上上家具 • Qualitatis Möbel • احدث تاخري